

# A Espiritualidade Judaica

Pe. Ney Brasil Pereira  
Professor de Exegese Bíblica

**N**ão faz 40 anos que o papa JOÃO XXIII, de abençoada memória, introduziu breve, mas significativa mudança nas *Orações Solenes* da sexta-feira santa: ordenou que se suprimisse o adjetivo “pérfidos”, referente aos judeus, que até então, por incrível que pareça, fazia parte integrante do formulário litúrgico.

De fato, no dia em que se faz dramática memória do maior ato de amor do mundo, nesse mesmo dia discriminavam-se os judeus “solenemente”, e se lhes atribuíam nada amorosamente a tacha da perfídia.

Alguns anos depois, no Concílio Vaticano II, que o mesmo papa teve a iniciativa de convocar, discutiu-se e afinal promulgou-se, em 1965, a declaração *Nostra Aetate*, sobre as relações da Igreja Católica com as religiões não cristãs, com um capítulo inteiramente dedicado aos judeus. Nesse documento, a Igreja, cerca de 20 anos depois da tragédia do “Holocausto”, ou “*Shoa*”, que vitimou cerca de 6 milhões de judeus às mãos dos nazistas, mas com a conivência e o silêncio dos cristãos<sup>1</sup>, e após tantos séculos de **anti-judaísmo**<sup>2</sup> cristão (!), afinal expõe, com humildade e coragem, a sua posição atual em relação a este povo. E esta posição atual não pode ser outra que a do apóstolo PAULO, de quase 2000 anos atrás, ele próprio um judeu e fariseu “alcançado” pelo Cristo e que, sentindo profundamente o fato de que a maioria dos seus irmãos de raça não aceitavam o Evangelho, no entanto afirma, na sua carta aos romanos: “*a eles, os israelitas, pertence a adoção filial, a glória, a aliança, a legislação, o culto, a Promessa... e deles descende, segundo a carne, o Cristo, que está acima de todas as coisas, Deus bendito pelos séculos!*” (Rm 9, 4-5) Isto é, a eles, os judeus, continua pertencendo a irrevogável Aliança divina, “*porque os dons e a vocação de Deus são sem arrendimento*”, como novamente é Paulo, o judeu convertido, quem o lembra, pouco mais adiante, na mesma carta (Rm 11,29).

Se assim é, e se “*a salvação vem dos judeus*” (!), como o próprio Jesus o afirmou à samaritana (cf Jo 4,22), creio que a todos nós interessa, mesmo como cristãos, como seguidores daquele que é a “plenitude da Lei” (cf Mt 5,17), interessa-nos aprofundar um pouco da **espiritualidade judaica**, isto é, um pouco da maneira como este povo, especialmente através da sua tenaz tradição rabínica, mantida até hoje, tem expressado o seu relacionamento com Deus, vivendo a sua fé. E isto porque não foi outra, humanamente falando, a espiritualidade do próprio Jesus, de Maria, dos apóstolos, todos eles judeus.

Como bem se expressa Frédéric MANNIS no seu livro: “*O Judaísmo. Ambiente e Memória do Novo Testamento*”<sup>3</sup>, Jesus “aderiu com todas as fibras do seu ser ao ambiente religioso e cultural da sua época”, do seu povo. “Como os meninos de sua época, ele aprendeu a ler e a escrever com o único livro que então se conhecia, a Torá... Revestido do seu *Talit*”<sup>4</sup>, ele tomou conhecimento da história do seu povo, escutando os textos comentados cada sábado na Sinagoga. Assimilou progressivamente a memória de Israel: a eleição, as promessas, a Aliança, o dom da Terra, a Lei. Aprendeu a cantar os salmos, em particular o *Hallel*<sup>5</sup>. Duas vezes por dia recitava o *Shma' Israel* (“Escuta, Israel”, Dt 6,4-9) e a oração das “*Shmoneh Esreh*”, isto é, das “Dezoito” bênçãos. Deve ter memorizado o *Qaddish*, oração da “santificação do Nome”, que se rezava em várias ocasiões, especialmente no enterro de alguém da aldeia. Deve ter usado os *tefillim*<sup>6</sup>, e não terá cortado os cabelos de suas têmporas... Sua sensibilidade e sua inteligência abriram-se assim à visão bíblica do mundo, toda voltada para o Reino de Deus... Aos doze anos dirigiu-se ao Templo de Jerusalém (cf Lc 2,41-50) para fazer a sua *Bar Mitsvá*, a sua oficialização como “filho do mandamento”, isto é, como capaz de observar os preceitos da Torá, à semelhança de todo jovem judeu...”<sup>7</sup>

Quais seriam, porém, os elementos fundamentais da **espiritualidade judaica**? Creio que poderia resumilos, mesmo se de maneira incompleta, em 5 pontos, inspirando-me em parte no livrinho homônimo do Pe. Marcel DUBOIS<sup>8</sup>, dominicano que por muito tempo foi professor de filosofia na Universidade Hebraica de Jerusalém e

---

*“A eles, os judeus,  
continua  
pertencendo  
a irrevogável  
Aliança divina”*

---

que, junto com o pranteado Pe. Bruno HUSSAR, também dominicano<sup>9</sup>, criou a *Maison Saint Isaïe*, onde se celebra a Eucaristia em hebraico a cada domingo. Eis os 5 pontos: 1) o *Shma' Israel*, a consciência de uma escolha divina; 2) o *Talmud*, testemunha de uma tradição milenar; 3) a *Berakhá*, traço característico da oração judaica; 4) o *Shabbat*, celebração fundamental de um povo; 5) Israel hoje, mistério e desafio.

## 1. SHMA' ISRAEL, A CONSCIÊNCIA DE UMA ESCOLHA DIVINA

Dt 6, 4 *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, o Senhor é Um.*

- 5 *Amarás, portanto, o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.*
- 6 *Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração.*
- 7 *Tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teus caminhos, deitado e em pé.*
- 8 *Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e elas serão como um frontal entre teus olhos.*
- 9 *Tu as inscreverás nos umbrais da tua casa, e nas portas (da tua cidade).*

Neste breve texto, do livro do Deuteronômio, encontra-se de fato a essência da fé judaica<sup>10</sup>. Assim o entende a milenar tradição que leva o judeu fiel a recitar estas palavras mais vezes ao dia, especialmente na oração da manhã e da noite, e na esperança de poder tê-la nos lábios no momento supremo da morte, à semelhança do santo rabi AQIBA. Este, martirizado pelos romanos por ocasião da segunda revolta contra Roma (132-135 dC), pelo motivo de continuar ensinando e professando sua fé judaica apesar da proibição oficial, mesmo no meio dos tormentos não deixou de proclamar, em voz alta, o *Shma'*. Segundo o testemunho da tradição rabínica, conservado tanto no Talmud de Jerusalém (*Berakhot IX, 5, 14 b*) como no de Babilônia (*Berakhot 61 b*), respondeu a quem se admirava da sua firmeza: "Toda a minha vida esperei pela hora de poder cumprir plenamente este mandamento. Sempre amei o Senhor com todas as minhas posses, com todo o meu coração. Agora sei que o amo com todo o meu ser". E, repetindo o *Shma'*, morreu ao chegar às palavras: *O Senhor é Um*<sup>11</sup>.

Ao mesmo rabi AQIBA atribui-se a seguinte breve, mas importante observação sobre o *Shma'*: "Não se diz 'crê', ou 'compreende', ou qualquer outro verbo, mas: 'escuta'. *Ouve, Israel...*"<sup>12</sup> O "primeiro" mandamento, pois, como também reconheceu Jesus, ao ser interpelado por um escriba, é: *Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor...*", as outras obrigações, a começar pelo amor de Deus, vindo por acréscimo. Havendo a

verdadeira escuta, seguirá a obediência, seguirá a prática. E, segundo ISAÍAS, resultará a vida: *Escutai, e haveis de viver* (Is 55,3a). É também o que diz um midrax, aliás de forma pitoresca: "Há no homem duzentos e quarenta e oito membros, e a orelha é um só dentre eles. No entanto, se o corpo todo está ferido pelo pecado, mas

*"A exigência de um sinal característico nas vestes diárias, que sirva de lembrete para a observância dos mandamentos"*

a orelha ouve bem, todo o corpo recebe a vida: *Escutai, e vossa alma viverá* (Is 55,3a). Eis porque está também escrito: *Escuta a palavra do Senhor, casa de Jacó!* (Jr 2,4)<sup>13</sup>.

Esse reconhecimento da Palavra interpelante, que se ouve com adoração e prontidão, comporta a exigência de não aceitar outro "jugo" que o do "Reino dos céus", na expressão que aparece também nos evangelhos, na passagem em que Jesus convida seus discípulos a tomarem sobre si o seu "jugo" (Mt 11,29). Ora, aceitar o "jugo" do Reino é comprometer-se a "observar os mandamentos", como aparece no segundo parágrafo do *Shma'*, tirado do Dt 11,13-21:

- Dt 11,13 *Portanto, se de fato obedecerdes aos mandamentos que hoje vos ordeno, amando ao Senhor vosso Deus e servindo-o de todo o vosso coração e com toda a vossa alma,*
- 14 *darei chuva para a vossa terra no tempo certo: chuvas de outono e de primavera. Poderás assim recolher teu trigo, teu vinho novo e teu óleo;*
  - 15 *darei erva no campo para o teu rebanho, de modo que poderás comer e ficar saciado.*
  - 16 *Contudo, ficai atentos a vós mesmos, para que o vosso coração não se deixe seduzir e não vos desvieis para servir a outros deuses, prostrando-vos diante deles.*
  - 17 *A cólera do Senhor se inflamaria contra vós e ele bloquearia o céu: não haveria mais chuva e a terra não daria o seu produto. Deste modo desapareceria rapidamente da boa terra que o Senhor vos dá.*
  - 18 *Colocai estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, atai-as como um sinal em vossa mão, e sejam como um frontal entre vossos olhos.*
  - 19 *Ensinai-as a vossos filhos, falando delas sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e em pé;*
  - 20 *tu as inscreverás nos umbrais da tua casa e nas portas (da tua cidade);*
  - 21 *para que vossos dias e os dias de vossos filhos se multipliquem sobre a terra que o Senhor jurou dar aos vossos pais, e sejam tão numerosos como os dias em que o céu permanecer sobre a terra.*

Neste segundo parágrafo do *Shma'*, o povo de Israel é interpelado a "obedecer" aos mandamentos, "amando" e "servindo" ao Senhor, e recebendo a garantia da "chuva no tempo certo" e de abundantes produtos agrícolas<sup>14</sup>.

Nos vv. 16 e 17 as advertências e, no caso de infidelidade, ameaças, inclusive de perda da terra! Os vv. 18-20 retomam a exortação dos vv. 7-9 do primeiro parágrafo do *Shma'* (cf supra), insistindo na obrigação dos pais de

*"Havendo a verdadeira escuta, seguirá a obediência, seguirá a prática"*

transmitirem a fé, “ensinando-a” aos filhos, e desembocam em nova promessa no v. 21.

No terceiro parágrafo, extraído do livro dos Números (Nm 15,37-41), aparece a exigência de um sinal característico nas vestes diárias, que sirva de lembrete para a observância dos mandamentos. Isto, em vista da santidade que Deus exige do seu povo, esse povo que Ele, o Senhor, libertou da terra do Egito:

Nm 15,37 *O Senhor falou a Moisés nestes termos:*

- 38 *Fala aos filhos de Israel. Tu lhes dirás, para as suas gerações, que façam borlas (em hebr. tsitsit, pl. tsityot<sup>15</sup>) nas pontas de suas vestes e ponham um fio azul na borla da ponta.*
- 39 *Trareis, portanto, uma borla e, vendo-a, vos lembrareis de todos os mandamentos do Senhor. E os poreis em prática, sem jamais seguirdes os desejos do vosso coração e de vossos olhos, que vos levariam a vos prostituídes (a outros deuses).*
- 40 *Assim vos lembrareis de todos os meus mandamentos e os poreis em prática, e sereis santos para o vosso Deus.*
- 41 *Eu sou o Senhor (JHWH) vosso Deus, que vos fiz sair da terra do Egito, a fim de ser vosso Deus, eu, o Senhor, vosso Deus!*

Notar, nos vv. 39-40, a insistência na memória dos mandamentos: lembrar-se deles, não esquecer-se deles, para pô-los em prática. Assim, o povo de Israel será *santo* para seu Deus, consagrado a Ele, participante da sua santidade, que é transcendência e perfeição absoluta: *Sereis santos como Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (cf Lv 19,2b). E esse Deus Único, Santo, Transcendente, é o que interveio na história em favor deste povo: é porque o Deus Único o fez sair do Egito, da “casa” da escravidão, que Israel não deve mais submeter-se a nenhuma escravidão, a nenhum outro jugo senão o de Deus e dos seus mandamentos. Fazer o contrário seria “prostituir-se” (v. 39), incorrendo na infidelidade tantas vezes denunciada, quer pelos profetas (p. ex. Os 1-3), quer já em Ex 34,15.

Em resumo, a proclamação do *Shma'*, que deve ser sempre lido articuladamente, não bastando a sua recitação mental, é a pedra de toque da fé judaica, o estimulador da consciência da sua eleição divina. Esta fé é fundamentada na experiência histórica de um povo que se reconhece em diálogo perene com o “*Deus de nossos pais*”, o “*Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó*” (Ex 3,6), diálogo que implica adesão ao que Deus fala e pertença ao povo que Ele escolheu. Esta fé e consciência leva cada judeu a reconhecer-se participante dos três eventos fundamentais do seu passado histórico: a saída do Egito, o dom da Lei, e a ratificação da Aliança, como cada Ceia pascal anualmente rememora (cf Ex 12, 26-27)<sup>16</sup>.

Este privilégio, porém, não é para usufruto pessoal. Israel tem a missão de ser testemunha do Deus vivo, de quem é o Servo (cf Is 44,21), *chamado para o serviço da Justiça... e Luz das nações* (Is 42,6), *escolhido para guardar o caminho do Senhor, realizando a Justiça e o Direito* (Gn 18,19)... Concretamente Israel o faz pela prática rigorosa dos mandamentos da Lei (escrita e oral), o que implica “uma consagração mais decisiva de toda a

vida e uma separação mais rigorosa dos outros povos”<sup>17</sup>. Assim é que a Torá, a Lei, implica a santificação de toda a vida de um judeu fiel, “medindo-lhe os atos e contando-lhe os passos, até das menores atividades”. Daí vem essa extraordinária coesão da comunidade judaica, cuja unidade tanto a distingue e caracteriza. Ora, tudo isso, repito, é extraordinariamente sintetizado pelo *Shma'* diário: *Ouve, Israel!*

## 2. O TALMUD, TESTEMUNHA DE UMA TRADIÇÃO MILENAR

O texto da Escritura não esgota, sozinho, toda a revelação. Além da Torá escrita (*Torah she bikhtav*), existe uma Torá oral (*Torah she be al peh*), que também remonta à revelação do Sinai, como o lembra o Tratado *Pirqey Avot*<sup>18</sup>, logo no seu início: “Moisés recebeu a Lei do Sinai e a transmitiu a Josué, Josué aos anciãos, e os anciãos, aos profetas. Os profetas a transmitiram aos ‘homens da grande Assembléia’”<sup>19</sup>. Os “homens da grande Assembléia” são os predecessores da instituição que depois tornou-se o Sinédrio, e sua atuação começa na época persa, provavelmente com Esdras e Neemias (cf Ne 10).

Ora, “é a Torá oral que permite aos sábios de Israel comentar e interpretar a Lei escrita, para aplicá-la na prática. Uma e outra têm a mesma

*“Israel tem a missão de ser testemunha do Deus vivo, de quem é o Servo”*

autoridade. Este fato é de extrema importância, porque mostra que também o judaísmo conheceu o problema das relações entre Escritura e Tradição. A preocupação de prescrutar, analisar e interpretar os recursos da tradição escrita com a ajuda da tradição oral suscitou em Israel um gênero literário original, o *midrash*<sup>20</sup>. Este é, ao mesmo tempo, exegese, comentário e meditação sobre o texto da Torá. O *midrax* é verdadeiramente a expressão da vida de um povo que “mora” na Escritura como no seu ambiente natural e nela encontra seu alimento e sua regra de vida. O *midrax* permitiu a Israel que fixasse, de maneira livre e espontânea, a sua tradição”<sup>21</sup>.

Mas há outro termo que, para os não iniciados, poderia ser confundido com o *midrax*. É a *mishná*, o conjunto dos comentários orais dos *Tanaim*, compilados em 6 “ordens” pelo rabi Judá HA NASSI, falecido em 217 dC, na Galiléia. Aos *Tanaím* seguem os *Amoraim*, já do período talmúdico, aos quais se atribui o *Talmud “de Jerusalém”* (de fato, de Tiberíades, de fins do século IV), e o *Talmud “de Babilônia”*, de fins do século VI, o conjunto de cujos ensinamentos constitui a *Gemará*. Seguem os *Geonim* de Babilônia, dos séculos VI a XI. No final do século XI temos, no norte da França, em Troyes, a personalidade de RASHI (+ 1105), autor do mais completo e claro comentário de conjunto do *Talmud*<sup>22</sup>. No século seguinte, domina a figura de MAIMÔNIDES, conhecido sob o nome de Rambam (+ 1204), que, nascido na Espanha, viveu a maior parte de sua vida no Cairo, no Egito,

onde produziu obras de valor excepcional tanto no domínio da *halakhá* como no da filosofia.

A *halakhá*, junto com a *haggadá*, constituem as duas formas mais importantes do midrax: a *haggadá*, narrativa e exortativa; a *halakhá*, jurídica e prática. Se o midrax interpreta diretamente a Escritura, o *Talmud* comenta e amplifica a *Mishná*.

E sempre com um objetivo prático, como o lembra M. DUBOIS<sup>23</sup>: "Não se trata tanto de conhecer, como de fazer; ou melhor, de conhecer para fazer. As discussões abertas no *Talmud* só têm um objetivo: a *halakhá*, o caminho, o prosseguimento de Israel sobre a estrada que o Senhor lhe traçou, dando-lhe a Lei". Desencorajando as especulações, os rabinos tinham a convicção de que o judeu é perfeito quando

cumprir seu primeiro dever, expresso no *Shmá* diário: escutar, e obedecer. De que maneira? Através do estudo! O judeu observante deve perscrutar a Torá dia e noite. Aliás, em nenhum outro povo, em nenhuma outra religião se encontra uma tão contínua e exigente tradição de estudo e ensino. E é nessa tradição que nasceu e é cultivado o *Talmud*.

Assim, o *Talmud* é o testemunho da verdadeira paixão, demonstrada pelos rabinos, de descobrir e cumprir a vontade de Deus em cada ato da vida, como em cada linha da Escritura. A partir da Escritura e de premissas tradicionais, servindo-se de regras comprovadas de interpretação e de dedução, eles se empenharam - e se empenham - em descobrir a aplicação específica da Lei divina em cada caso. Assim é que o *Talmud* se tornou o "anteparo em torno à Torá", permitindo ao judaísmo conservar a sua identidade através da história, durante tantos séculos de exílio, dispersão, perseguições e massacres, correndo também o risco da "assimilação", isto é, o risco de deixar-se envolver pela cultura circundante. Em suma, se o judaísmo conheceu tantas turbulências ao longo da sua milenar existência, "é no *Talmud* que encontrou a regra e a medida da sua autenticidade"<sup>24</sup>.

### 3. A BERAKHÁ, A "BÊNÇÃO", ESTRUTURA CARACTERÍSTICA DA ORAÇÃO JUDAICA

"Benzer", para nós, espontaneamente, significa traçar o sinal da cruz sobre alguém ou um objeto, invocando sobre ele a proteção de Deus. Tanto assim que, no relato da instituição da Eucaristia, na Missa, antes da reforma litúrgica do Vaticano II, costumava-se traçar o sinal da Cruz sobre o pão e o vinho, como se Jesus o tivesse feito na última Ceia, "benzendo" os elementos. Felizmente, na liturgia renovada, a "bênção" passou claramente para o momento da "apresentação das oferendas", chamada antes "ofertório". Neste momento é que o celebrante, apresentando a Deus o pão e o vinho, louva-O por estes dons com a fórmula da "Bênção" judaica, a *Berakhá*: *Bendito és tu, Senhor, Deus do universo, que nos das este pão, fruto da terra e do trabalho humano...*

E no próprio relato da Instituição diz-se, p. ex., na 2a. oração eucarística: *...Ele tomou o pão em suas mãos, deu graças (pronunciando a Berakhá), partiu-o e o entregou...*

Ora, o gesto e oração que Jesus fez na última Ceia, e o fez muitas vezes em sua vida - p. ex. a famosa "bênção" de Mt 11, 25-26 e Lc 10,21 - foi o que o rabi ME'IR afirmou que devia ser feito "cem vezes por dia": a recitação da "bênção"<sup>25</sup>. Por quê? É que a "bênção", dirigida a Deus, é o reconhecimento de que Ele é a fonte de todos os bens, e que esses bens não nos são devidos mas são dons da Sua bondade. Por isso mesmo, a oração judaica é, antes de tudo e em todas as circunstâncias, uma "bênção". Nesse sentido, a tradição afirma que age como ladrão e profanador aquele que usa de qualquer bem deste mundo sem pronunciar uma "bênção": assim fazendo, ele age como se as coisas lhe pertencessem de direito, e as profana ao não reconhecer o seu Autor. Entretanto, a "bênção", que é

antes de tudo louvor, muitas vezes, porque somos "eternos mendigos de Deus", inclui o pedido: *Bendito és tu, Senhor, Deus do universo, Aquele que perdoa e cura...* subentendendo-se aí o pedido: *Perdoa e cura, Senhor!*<sup>26</sup>.

Assim, p. ex., na oração da manhã, a "bênção" pela vida do corpo é louvor e pedido: *Bendito és tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, Aquele que modelou o homem com sabedoria e nele criou cada cavidade e orifício. É manifesto e conhecido ante o Trono da tua Glória que, se um deles se perfurasse ou se obstruísse, seria impossível ao homem subsistir e manter-se diante de Ti. Bendito és tu, Senhor, Aquele que cura toda carne e faz maravilhas...*<sup>27</sup>.

Da mesma forma, a "bênção" pelo dom da Torá: *Bendito és tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, Aquele que nos santificou por seus mandamentos e nos prescreveu que nos entregássemos ao estudo das palavras da Torá. Senhor, nosso Deus, digna-te tornar as palavras da tua Torá doces à nossa boca, à boca do teu povo, a casa de Israel. Que nós, nossos descendentes e os descendentes do teu povo, a casa da Israel, todos nós conheçamos o teu Nome e estudemos a Torá. Bendito és tu, Senhor, Aquele que ensina a Torá a seu povo, Israel!*<sup>28</sup>

Segue uma longa enumeração dos benefícios de Deus pelos quais é bom, cada manhã, "bendizê-lo", especialmente pelo fato de o orante "não ter nascido *goy*", isto é, ter nascido judeu, fazendo parte do povo que é eleito para uma missão universal. Notar, nesta "bênção", a alternância do "eu" e do "nós", a parte final sendo só "nós":

*"Bendito és tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo"*<sup>29</sup>, Aquele que deu ao galo o discernimento para distinguir o dia da noite;

*Bendito és tu.....* Aquele que não me fez nascer pagão (*goy*);

*Bendito és tu.....* Aquele que não me fez nascer escravo;

*Bendito és tu.....* Aquele que não me fez nascer mulher (Nota: As mulheres di-

zem: *Aquele que me fez nascer segundo a Sua vontade*);

*Bendito és tu.....Aquele que abre os olhos aos cegos;*

*Bendito és tu.....Aquele que veste os que estão nus;*

*Bendito és tu.....Aquele que liberta os prisioneiros;*

*Bendito és tu.....Aquele que reergue os que estão curvados;*

*Bendito és tu.....Aquele que estende a terra sobre as águas;*

*Bendito és tu.....Aquele que provê a todas as minhas necessidades;*

*Bendito és tu.....Aquele que firma os passos do homem;*

*Bendito és tu.....Aquele que cinge Israel de poder;*

*Bendito és tu.....Aquele que coroa Israel de magnificência;*

*Bendito és tu.....Aquele que dá força ao que está fatigado;*

*Bendito és tu.....Aquele que apaga o sono dos meus olhos e o torpor de minhas pálpebras!*

Tal possa ser a tua vontade, Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, de guiar *nossos* passos em tua Lei e de nos fazer apegar aos teus mandamentos. Não nos entregues ao poder do pecado, da transgressão e da falta, da tentação e da vergonha. Não deixes dominar em nós o instinto do mal<sup>30</sup>, e afasta-nos do homem mau e do mau companheiro. Faze com que sigamos o instinto do bem e das boas ações; e leva nossas tendências a se submeterem a ti. Possamos, hoje e cada dia, encontrar benevolência, amor e misericórdia aos teus olhos e aos olhos de todos os que nos vêem. Cumula-nos, sim, de benefícios. *Bendito és tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, Aquele que cumula de benefícios o seu povo, Israel*".

Notar que estas "bênçãos", cheias de humildade e confiança, têm sido a oração diária do povo judeu desde tantos séculos, tantas vezes no meio de perseguições, exílios, massacres, sem perderem a esperança! Elas são numerosas, e até certo ponto prolixas, exigindo, junto com os salmos e outras leituras bíblicas, bastante tempo do orante. Não podendo, pois, neste artigo, comentá-las

todas, é preciso fazer pelo menos uma referência e apresentar uma amostra do mais famoso conjunto destas "bênçãos", as "Dezoito", em hebr. *Shmoneh Esreh* ou *Ha Tefillah*, "a Oração" por excelência, ou *Amidah*, oração dita "de pé"<sup>31</sup>.

Quanto à estrutura dessas "Dezoito bênçãos":

as três primeiras e as três últimas são de louvor, enquanto as doze intermediárias (de fato são treze, a 15a. "bênção" sendo um desdobramento da 14a.) são de pedido. Quanto ao teor: o texto foi progressivamente tomando a forma que hoje apresenta, mas o essencial do conteúdo

provém dos "Homens da grande Assembléia", os rabinos de antes da destruição do Templo<sup>32</sup>.

1a. "bênção", referente aos Patriarcas: "*Bendito és tu, Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó, o Deus grande, forte e temível, Deus altíssimo, que prodigaliza os benefícios e criou todas as coisas, que se lembra das boas obras de nossos pais e que suscitará um Redentor para os filhos de seus filhos, em atenção ao seu Nome, por amor. Rei que auxilia, Salvador e Escudo! Bendito és tu, Senhor, Escudo de Abraão!*"

2a. "bênção", referente ao poder criador de Deus, que ressuscita os mortos: "Tu és poderoso eternamente, Senhor, Tu fazes reviver os mortos, transbordando de salvação. Tu fazes descer o orvalho no verão. Tu fazes soprar o vento e cair a chuva no inverno. Alimentando os vivos por amor e ressuscitando os mortos por grande misericórdia, amparando os que caem, curando os doentes, libertando os prisioneiros e mantendo sua fidelidade aos que dormem no pó. Quem é como Tu, Senhor das potências? E quem te é comparável? Rei que faz morrer e faz viver, que faz germinar a salvação. Tu és fiel para ressuscitares os mortos. *Bendito és tu, Senhor, Aquele que faz reviver os mortos!*"<sup>33</sup>

3a. "bênção", referente à santificação do nome de Deus: "Tu és santo, e teu Nome é santo. E os santos cada dia te louvam! *Bendito és tu, Senhor, o Deus Santo!* Nós santificaremos teu Nome no mundo (cf o primeiro pedido do Pai-nosso!), como o santificam as alturas celestes, assim como está escrito pelo teu profeta: *Santo, Santo, Santo é o Senhor dos exércitos, sua Glória enche toda a terra!* (Is 6,3)"...

Seguem as "bênçãos" 4, 5, 6, 7, 8, 9, pedindo, respectivamente: conhecimento, arrependimento, perdão, redenção (no sentido de libertação dos males de cada dia), cura, chuvas e boa colheita. A "bênção" seguinte, a 10a., no centro das *Shmoneh Esreh*, marca uma virada nas súplicas, agora visando o retorno da dispersão e a volta à Terra de Israel, para que aí possa ser vivida plenamente a Aliança. O retorno deve ser acompanhado da restauração da justiça original, graças a "Juizes íntegros" (cf Is 1, 26-27) - é a 11a. "bênção" - e se pede que desapareçam os maus, os "herejes", para que floresçam os justos: são a 12a. e 13a. "bênção". Quanto à 12a., em hebr. *Birkhat Ha Minim*, ela parece ter visado os cristãos, especialmente os judeu-cristãos<sup>34</sup>, no período após a destruição do Templo, depois de o Sinédrio ter-se restabelecido em Jabne/Jâmnia. A 14a. e 15a. "bênçãos" pedem a restauração de Jerusalém e do Templo, e da dinastia de Davi, depois de o retorno ter acontecido e a justiça ter sido restaurada...

Citamos agora a 16a. "bênção": "Escuta nossa voz, Senhor, nosso Deus, mostra tua piedade e tua misericórdia para conosco, aceita nossa oração com misericórdia e benevolência, pois Tu és um Deus que escuta as preces e súplicas. Não nos despeças de mãos vazias da frente do teu Trono, ó nosso Rei, pois Tu escutas a oração do teu povo Israel com misericórdia. *Bendito és tu, Senhor, que escutas a oração!*"

*"O retorno da dispersão e a volta à Terra de Israel, para que aí possa ser vivida plenamente a Aliança"*

As três últimas "bênçãos" são de ação de graças, embora ainda com pedidos. Assim, a 17a., referente ao culto, pedindo seu restabelecimento no Templo a ser reconstruído (!): "Acolhe, Senhor, nosso Deus, teu povo Israel e sua oração, restaura o culto no Santuário da tua Casa: e as oferendas de Israel e sua prece, aceita-as com amor e benevolência. Que o culto do teu povo Israel te seja sempre agradável. Possam nossos olhos ver teu retorno a Sião por misericórdia. *Bendito és tu, Senhor, Aquele que faz retornar sua Presença a Sião!*"

A 18a. "bênção" é uma fervorosa expressão de ação de graças, e a 19a. é a "bênção" da Paz, precedida pela Bênção sacerdotal do livro dos Números (Nm 6, 24-26). E assim conclui: "Derrama a paz, a felicidade e a bênção, a graça, o amor e a misericórdia sobre nós e sobre todo o teu povo Israel. Abençoa-nos, ó Pai-nosso, a todos, com a luz da tua Face, pois é à luz da tua Face que nos deste, Senhor, nosso Deus, a Torá de vida, o amor da bondade, a justiça, a bênção, a misericórdia, a vida e a paz. Que seja bom a teus olhos abençoar o teu povo Israel, em todo tempo e a toda hora, com a tua paz. *Bendito és tu, Senhor, Aquele que abençoa seu povo Israel com a paz!*"

Muitos outros exemplos de "bênçãos", do livro das orações diárias, o *Sidur*, poderiam ainda ser aduzidos. Mas o que acima foi exposto mostra suficientemente como a "bênção" é realmente a estrutura característica da oração judaica. Estrutura que mereceria ser recuperada em nossa espiritualidade. A começar da recuperação do sentido da *Berakhá* na "apresentação das oferendas" na Missa: perceber que ali não é ainda o momento do verdadeiro "ofertório", que se fará após a consagração, mas ali estamos louvando, bendizendo a Deus por aquele pão e aquele vinho, aqueles dons, todos os dons! Depois, ao longo do dia, ao desfrutarmos dos bens que continuamente recebemos, ter no coração, quem sabe também nos lábios, a expressão da "bênção": *Bendito és Tu, bendito sejas, Senhor, bendito...*

#### 4. O SHABBAT, CELEBRAÇÃO FUNDAMENTAL DE UM POVO

"Era a véspera do *Shabbat* (sábado). Cada judeu nesse dia é um príncipe sob o seu teto. Sobre a mesa, dois pães brancos trançados, símbolo do casamento de Israel com a sua noiva, *Shabbat* (feminino, em hebr.). A dona da casa acende as duas velas do *Shabbat* e recita a "Bênção"... Depois da destruição do Templo, cujo altar

servia para a purificação das faltas de Israel, a casa tornou-se para cada um de nós o Santuário, e é a mulher que o santifica... Em silêncio, purificamos as mãos antes de cantar a "Bênção" do *Shabbat*, pois a mesa é agora altar, e em seguida saboreamos o vinho e partilhamos o pão..."

*"O sábado é semanalmente o 'tempo forte' desta Aliança, antecipando a vinda do 'mundo futuro' "*

Assim, excertos da descrição de uma celebração do *Shabbat* na época do rabi AQIBA<sup>35</sup>, no começo do século II dC. A Aqiba também atribui-se a preservação de uma antiga haggadá sobre o *Shabbat*: "Deus disse a Israel: Se estudardes minha Torá e observardes meus mandamentos, eu vos darei para sempre o que tenho de mais precioso nos meus tesouros. - E o que é esta coisa tão preciosa? - O mundo futuro. - Mostra-nos, então, neste mundo, um sinal do mundo futuro! - O *Shabbat* é a amostra do mundo futuro!"<sup>36</sup>

Sobre o *Shabbat* há uma imensa literatura, à qual não podemos referir-nos aqui. Desde as palavras do Decálogo, Israel tem-se distinguido pela observância deste mandamento: *Lembra-te do Sábado para santificá-lo* (Ex 20,8; Rabi ISHMAEL diz que "lembrar-se" consiste em começar a observá-lo antes da hora!); e *Guarda o Sábado para santificá-lo* (Dt 5,12: o mesmo Rabi explica que "guardá-lo é prolongá-lo além da hora!"). É conhecida para nós, cristãos, a posição polêmica de Jesus contra os excessos da observância rabínica do Sábado, tanto nos Sinóticos (cf Mc 2,27 e prl: *O Sábado foi feito para o homem, e não o homem para o Sábado!*) como no quarto evangelho: *Meu Pai trabalha sempre - também no Sábado! - e eu também trabalho* (Jo 5,17)... Por esta e outras razões - a maior delas: o próprio dia da Ressurreição - a observância cristã passou do sábado para o domingo, diluindo porém muito daquilo que constitui - e constituiu sempre, ao longo da história - a observância sabática para os judeus.

Esta observância começa ao cair da tarde de sexta-feira, com o belo rito da "acolhida de *Shabbat*, a "noiva" de Israel, segundo Ct 4,8, como Israel é a noiva, a esposa de JHWH, segundo Os 1-3. Revive-se assim o mistério da Aliança entre Deus e seu povo, e o Sábado é semanalmente o "tempo forte" desta Aliança, antecipando a vinda do "mundo futuro", vida de repouso e de união com Deus e entre seu povo.

A "acolhida" propriamente dita é feita ao som do canto *Lekhah Dodî* - "Vem, meu Amado", cujo texto, composto no século XVI, é um mosaico de referências bíblicas. O "Amado" é propriamente JHWH, mas Israel o representa para acolher a "noiva", cantando o refrão: *Vem, meu Amado, ao encontro da Noiva: Shabbat aparece, vamos acolhê-la!*

Seguem as nove estrofes, intercaladas sempre pelo refrão. As estrofes 3 a 8 são apóstrofes apaixonadas a Jerusalém, convidando-a a "levantar-se das suas ruínas", porque já resplandece a sua luz, a glória do Senhor, "graças ao filho de Jessé, de Belém" (o novo Davi, o Messias: 4a. e 8a. estrofes)... A 9a. estrofe: *Vem em paz, coroa do teu Amado! Vem, no júbilo e na alegria, para o meio dos fiéis do povo escolhido! Vem, minha Noiva, vem, minha Noiva!*<sup>38</sup>

Nas famílias, que se preparam antecipadamente, para evitar todo trabalho no período "sabático" (do crepúsculo vespertino de sexta-feira ao do sábado), realiza-se a liturgia familiar do *Qiddush* - a santificação do *Shabbat*, que é, de certo modo, uma mini-ceia pascal. Após a leitura de Gn 1, 31--2,3 (a descrição do sétimo dia, do *Shabbat* divino), procede-se à "Bênção" sobre o vinho e sobre o pão: *Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, que crias o fruto da vinha! Bendito és Tu, Se-*

nhor, nosso Deus, Rei do mundo, que da terra fazes sair o pão!

Segue-se a "Bênção" referente ao Sábado: *Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, Aquele que nos santificou por seus mandamentos e se comprazeu em nós; Aquele que, por amor e benevolência, nos deu em herança seu santo Shabbat*, em memória da obra da criação. Este é o dia do começo das santas convocações, memória também da saída do Egito. Pois é a nós que Tu escolheste e santificaste entre todos os povos, e é a nós que deste teu santo *Shabbat* em teu amor e benevolência. *Bendito és Tu, Senhor, que santificas o Shabbat*. - Notar como, nesta "Bênção", faz-se memória da Criação e também do Êxodo do Egito, o Êxodo sendo considerado o renovamento da Criação. Faz-se também memória da Eleição de Israel, da qual o Sábado é o sinal, sinal da Aliança celebrada exclusivamente com este povo!<sup>39</sup>

Há também um ritual de conclusão da celebração do Sábado, a *Havdalah*, isto é, a "separação": Israel se separa de sua noiva, *Shabbat*, como também o Sábado se separa dos outros dias da semana. Entre outras "Bênções", ressaltar a seguinte: *Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo, Aquele que separa o sagrado - do profano, a luz - das trevas, Israel - das outras nações, o sétimo dia - dos seis dias de trabalho. Bendito és Tu, Senhor, que separas o sagrado - do profano. Aquele que separa o sagrado - do profano, apague nossos pecados, multiplique nossa descendência e nossos bens como a areia, e como as estrelas à noite.* Esta "separação" entre o Sábado e os outros dias da semana é, porém, provisória: ela cessará no "mundo futuro", quando será sempre *Shabbat*.

Neste mundo<sup>40</sup>, o sagrado deve ser distinguido do profano, para que possa penetrá-lo pouco a pouco; a luz não deve ser confundida com as trevas, mas progressivamente deverá absorvê-las; e Israel não está "separado" dos outros povos senão para transmitir-lhes as verdades que lhe foram reveladas ou, como diz o livro da Sabedoria: *para transmitir ao mundo a Luz incorruptível da Lei* (Sb 18,4b).

Hoje, em Israel, especialmente em Jerusalém, percebe-se a observância externa do *Shabbat*, p. ex. no fato de que a rede de ônibus não funciona, o comércio não abre as portas etc. Como nem todos são observantes, bom número de carros particulares, mesmo alguns taxis circulam pelas ruas - embora não num bairro ultra-ortodoxo como o de *Meá Shearim*. Os setores religiosos do governo queriam impor a todos a observância estrita da Torá<sup>41</sup>, esbarrando, porém, no fato de que também Israel, política e sociologicamente falando, é uma sociedade pluralista, cada cidadão, portanto, sendo livre e não podendo ser coagido. Em todo caso, mesmo com essas dificuldades, permanece o fato de que o *Shabbat*, no seu espírito, é uma instituição admirável, provavelmente o grande responsável pela preservação do "espírito" de Israel ao longo de sua história.

## 5. ISRAEL HOJE: MISTÉRIO E DESAFIO

Um elemento novo para entender a espiritualidade judaica nas circunstâncias atuais é, sem dúvida, o próprio fato, relativamente recente, da restauração do Estado de Israel. Israel não é mais somente um povo disperso, perseguido, sem pátria, ou uma realidade teológica, mas é hoje uma realidade política, dinâmica, cônica dos seus direitos, belicosa para garanti-los porque cercada de nações árabes mussulmanas que não a reconhecem, e com ufania celebrando os "3000" anos de sua capital "eterna e indivisa", Jerusalém...

Quantas transformações no decorrer de pouco mais de um século, desde que, a partir de 1860, começou a ser construído o primeiro bairro judeu fora dos muros da Cidade Antiga e começaram as primeiras imigrações modernas para a então Palestina, província do Império Turco; desde que, em 1897, reuniu-se, em Basel, na Suíça, o primeiro Congresso Sionista, presidido por Theodor HERTZL, o idealizador de um moderno Estado judeu na "Terra de Israel"<sup>42</sup>; desde que BEN YEHUDA, imigrando da Rússia em 1880, convenceu-se de que era necessário restaurar o Hebraico como língua nacional e, compondo dicionário e gramática adaptados a uma língua moderna, levou a bom termo essa tarefa; desde as primeiras colônias agrícolas coletivas, chamadas *qibbutz*; desde a "Declaração BALFOUR", de 1917, recomendando, por

parte da Inglaterra, a criação de um Estado nacional judeu na Palestina; desde as restrições à imigração judaica, nas décadas de 20, 30 e 40, enquanto começava a perseguição nazista aos judeus na Alemanha, a partir de 1933, culminando na tragédia do "Holocausto"...

Enfim, após a decisão da ONU, em novembro de 1947, cria-se o Estado de Israel, que se proclama independente aos 14-5-1948, enquanto prosseguia a guerra contra os árabes até o armistício de 1949, pelo qual Jerusalém é dividida, a Cidade Antiga e a parte oriental

ficando com a Jordânia. Na guerra chamada dos "seis dias", em 1967, Jerusalém é reunificada, toda a Judéia e a Samaria (= Cisjordânia) são "ocupadas", e o Sinai é conquistado ao Egito. Em 1979, o acordo de paz com o Egito inclui a devolução do Sinai. Desde 1993 estão em curso negociações visando a autonomia dos palestinos, esbarrando com pré-condições de uma e de outra parte, Israel insistindo no seu direito a Jerusalém "indivisa" como capital, enquanto nesse meio tempo foi multiplicando as "implantações" nos territórios ocupados...

Em 23-11-1993, os responsáveis pelas diversas comunidades cristãs de Jerusalém, entre os quais os três Patriarcas (latino, grego-ortodoxo e armeno), publicaram um *Memorandum* sobre o significado de Jerusalém como "cidade santa" não só para os judeus, mas também para os cristãos e os árabes, não podendo o seu significado político de "capital de Israel" não levar em conta o seu significado supra-nacional. Por isso, insistem numa garantia internacional para a salvaguarda desse estatuto<sup>43</sup>.

Mas já um ano antes, em novembro de 1993, saía a Carta Pastoral do patriarca latino, Mons. Michel SABBAGH, intitulada *In Pulchritudine Pacis*, sobre "A leitura da Bíblia hoje na terra da Bíblia"<sup>44</sup>, tentando responder, concretamente, a várias questões suscitadas pela situação

---

*"Que 'frutos' de  
justiça e de paz  
ela produz,  
agora, em Israel?"*

---

atual, questões que se distribuem em três categorias: 1) que relação há entre o Antigo e o Novo Testamento? 2) como deve ser entendida a violência atribuída a Deus? 3) que influência têm as promessas, o dom da terra, a eleição e a Aliança, para a relação entre palestinos e israelenses? É possível a um Deus justo e misericordioso impor injustiça e opressão sobre um povo, a fim de favorecer outro povo por Ele escolhido? Como entender, à luz da fé, tudo isso? E, voltando ao tema do nosso artigo, como caracterizar a espiritualidade judaica nessas circunstâncias?

A resposta não é fácil, dada também a pluriformidade do fenômeno Israel, como também é pluriforme o fenômeno cristão. De que maneira a fé judaica expressa no *Shmá*, orientada pelo Talmud, proferindo constantemente a *Berakhá* e guardando fielmente o *Shabbat*, de que maneira ela conduz ao essencial da religião revelada? A que "obras" - para usar a expressão de Tg 2,14 - ela está conduzindo? Em que "obras" ela se manifesta? Que "frutos" de justiça e de paz ela produz, agora, em Israel? O problema é que a resposta não pode ser dada em bloco, generalizando, porque toda generalização é injusta. E as falhas que se identifiquem, ou se denunciem, em Israel, não podem deixar de lembrar-nos as nossas próprias falhas, os nossos pecados, de nós, cristãos, inclusive o que muito pecamos, as enormidades que cometemos, ao longo destes 2000 anos de história cristã, contra o povo de Israel!

Em todo caso, eu gostaria de concluir com a belíssima visão de ISAÍAS, o profeta de Jerusalém: *Naquele dia, haverá uma vereda do Egito até a Assíria*<sup>45</sup>. *Os assírios irão ao Egito e os egípcios irão à Assíria, e os egípcios servirão - isto é, prestarão culto a JHWH - juntamente com a Assíria. Naquele dia, Israel será o "terceiro", o mediador, ao lado do Egito e da Assíria, uma bênção no meio da terra*<sup>46</sup>, *bênção que pronunciará o Senhor dos exércitos: 'Bendito meu povo, o Egito (I), e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança!*<sup>47</sup>. Possa o Senhor da história apressar o tempo em que esta profecia se realize. O dia em que Israel, sem se enciumar porque o Egito é chamado de "meu povo", e sem se enciumar também porque a Assíria é "obra de minhas mãos", mas continuando a ser "a herança" do Senhor, possa tornar-se de fato, no Oriente Próximo e em todo o mundo, uma verdadeira "bênção no meio da terra".

## NOTAS

<sup>1</sup> Quem vai a Jerusalém, atualmente, não pode deixar de visitar o impressionante memorial do "Holocausto", chamado em hebraico *Yad Vashem*, expressão que se encontra num v. do profeta ISAÍAS: "Assim fala o Senhor: 'Hei de dar-lhes, na minha casa e dentro de meus muros, um lugar e um nome (hebr. *Yad Vashem*), mais preciosos do que teriam com filhos e filhas... um nome eterno...'" (Is 56,5). É uma visita acabrunhante, mas necessária. Não fosse fartamente documentado, dir-se-ia que não é possível que tenha acontecido esse genocídio. Mas aconteceu, há pouco mais de 50 anos, na Europa cristã! É importante que esse "memorial" preserve a lembrança dessa página sombria, que tão facilmente tendemos a esquecer.

<sup>2</sup> "Anti-judaísmo", melhor que a costumeira expressão "anti-semitismo", porque o termo "semita" é mais abrangente, incluindo também, p. ex., os árabes. Ora, a oposição de que se trata visa especificamente os judeus, na sua qualidade não de "semitas" mas de "judeus". Portanto, o termo exato a ser empregado é, mesmo, "anti-judaísmo", embora a expressão "oficializada" desde 1879, criada pelo planfletário alemão Wilhelm MARR, seja "anti-semitismo" (cf *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, Du Cerf, Paris, 1993, s. v. *anti-sémitisme*)

<sup>3</sup> Cf MANNIS, F., *Le Judaïsme. Milieu et Mémoire du Nouveau Testament*, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1992, p. 5

<sup>4</sup> *Talit*, chale branco com listas pretas ou azuis, e com franjas nos quatro cantos, que os judeus sobrepõem ao seu traje para a oração da manhã

<sup>5</sup> *Hallel*, conjunto dos salmos "aleluiáticos", isto é, com aleluia: o "grande Hallel", próprio das grandes festas, especialmente da Ceia Pascal (Sl 113-118 + Sl 136) e o "pequeno Hallel", próprio da oração da manhã diária (Sl 146-150)

<sup>6</sup> *Tefilim*, pequenos cubos que ainda hoje se amarram à frente e ao braço esquerdo, na oração da manhã dos dias de trabalho

<sup>7</sup> Ainda MANNIS, F., op. cit., p. 6

<sup>8</sup> DUBOIS, M., *Spiritualità del Giudaismo*, col. Quaderno di Terra Santa, ed. Claudio BARATTO, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1978, 51 pp.

<sup>9</sup> Pe. Bruno HUSSAR, OP, que faleceu recentemente, em 8-2-96, aos 84 anos de idade, foi o fundador, entre outras iniciativas, da aldeia árabe-judaica de *Neve Shalom / Wahat al-Salam*, onde, há quase 20 anos, convivem e trabalham famílias israelenses e palestinas, mostrando concretamente que a paz é possível mesmo entre diferentes. Pe. Bruno, na sua autobiografia, assim se definiu: "Sou um padre católico, sou judeu, sou cidadão israelense, nascido no Egito, onde vivi 18 anos. Sinto em mim 4 identidades: sou verdadeiramente cristão e padre, sou verdadeiramente judeu, sou verdadeiramente israelense e, mesmo não me sentindo como egípcio, no entanto sinto-me muito próximo aos árabes, a quem conheço e a quem amo". *Neve Shalom* é uma expressão que se encontra no livro de ISAÍAS: *Meu povo habitará em oásis de paz*" (Is 32,18)

<sup>10</sup> Cf a apresentação esquemática do *Shma* in AVRIL, A.C. e DE LA MAISONNEUVE, D., *Prières Juives*, Supplém. au Cahier Évangile 68, Du Cerf, Paris, 1989, pp. 26-28

<sup>11</sup> Cf FINKELSTEIN, L., *Akiba. Scholar, Saint and Martyr*, A. Temple Book, Atheneum, N. York, 1978 (1a. ed. 1936), pp. 276-277

<sup>12</sup> Cf CASPI, N., *Akiba. Récit*, éd. de l'Ophel, Jerusalem, 1981, p. 189

<sup>13</sup> Cf KETTERER, E. e REMAUD, M., *Le Midrash*, Supplém. au Cahier Évangile 82, Du Cerf, Paris, 1992, pp. 7-8 (cf trad. brasileira, Paulus, SP, 1996)

<sup>14</sup> Nota-se que, ainda hoje, apesar de ser um país altamente industrializado, Israel desenvolve importante agricultura. Modernizada, mas sempre dependente da "chuva no tempo certo", nos meses entre outubro e abril

<sup>15</sup> *Tsitsit*, lit. borla, ou franja, deu o nome à veste interior, espécie de semi-escapulário sem mangas, também chamada "pequeno Talit", com franjas que saem para fora da cintura. Nas famílias observantes, os meninos começam a usá-la desde os 3 anos de idade, para se habituarem ao "mandamento" (cf *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, Du Cerf, Paris, 1993, p. 1147)

<sup>16</sup> A Ceia pascal, celebrada em cada família judia na noite da Páscoa, tem um ritual chamado *Seder*, isto é, a "ordem" do desenrolar da ceimônia, contido no livro especial chamado *Haggadá*. A refeição é, hoje, relativamente frugal, sem o cordeiro (porque não existe mais o Templo, onde o animal devia ser sacrificado), e seu elemento principal são leituras, orações e cantos, dentro de uma atmosfera jubilosa e familiar, exprimindo pedagogicamente a memória, o louvor e a

ação de graças. Entre nós temos uma adaptação, resumida, para uso cristão, procurando reviver a Ceia pascal de Jesus: cf PEREIRA, N.B., *A Ceia Pascal Cristã*, Ed. Paulinas, SP, 1983, 3a. ed.

<sup>17</sup> Cf DUBOIS, M., *Spiritualità del Giudaismo*, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1978, p. 16

<sup>18</sup> *Pirqey Avot*, lit. "Capítulos" dos "Pais", isto é, sentenças dos Rabinos anteriores à redação da Mishná

<sup>19</sup> Cf MANNNS, F., *Pour lire la Mishnah*, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1984, pp. 168-169. MANNNS apresenta todo o texto do Tratado, com breve Introdução e Notas, nas pp. 168-203. O "Tratado", às vezes chamado simplesmente *Avot*, é o nono de uma das 6 ordens da Mishná, e foi compilado no início do séc. III da nossa era. Sua beleza e sabedoria lhe mereceram o título de "Evangelho dos Fariseus"!

<sup>20</sup> Em português, o "*midraxé*", forma cunhada no DEB, "*Dicionário Enciclopédico da Bíblia*", trad., Vozes, 1971

<sup>21</sup> DUBOIS, M., op. cit., p. 20

<sup>22</sup> Sobre RASHI, cf o artigo de Elio PASSETO, atual Diretor do Instituto Ratisbonne, de Jerusalém: *Rashi, su tiempo y su obra*, in *El Olivo* XVIII, 39 (1994), pp. 37-51

<sup>23</sup> Op. cit., p. 23

<sup>24</sup> Ainda DUBOIS, M., op. cit., p. 24

<sup>25</sup> Cit. in *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, Du Cerf, Paris, 1993, s. v. *Bénédictions*, p. 142

<sup>26</sup> Cf AVRIL, A.C. e DE LA MAISONNEUVE, D., *Prières juives*, Supplém. au Cahier Évangile 68, Du Cerf, Paris, 1989, pp. 13-14

<sup>27</sup> Id., *ibid.*, p. 18. Notar, nas "bênçãos", a passagem inesperada da segunda pessoa, "Tu", para a terceira, "Aquele": se a segunda afirma a proximidade de Deus junto ao orante, a terceira pessoa lembra a distância, a transcendência

<sup>28</sup> Id., *ibid.*, p. 18

<sup>29</sup> Esta fórmula - *Bendito és tu, Senhor, nosso Deus, Rei do mundo* - é estereotipada, obrigatória para todas as "bênçãos", como o lembra o Talmud de Jerusalém, *Berakhot* 40 b: "O Rab disse: Toda "bênção" que não faz menção do Nome uma "divino não é uma "bênção". E rabi Yohanan disse: Toda "bênção" que não faz menção da realeza divina não é bênção" (cf AVRIL, A.C. e DE LA MAISONNEUVE, D., op. cit., p. 13)

<sup>30</sup> "Instinto", em hebr. *yetser*: inclinação, tendência, como no Sir 15,14. Aqui se fala da inclinação para o mal e, logo a seguir, da inclinação para o bem, entre as quais o ser humano sente-se dividido

<sup>31</sup> "De pé", exatamente, de pés juntos, na direção de Jerusalém (em Jerusalém, é na direção do local do Templo!), depois de o orante ter-se adiantado três passos, como se se aproximasse de Deus, e recuando três passos após a oração (cf *Dictionnaire Encyclopédique du Judaïsme*, Du Cerf, Paris, 1993, s. v. *Amidah*)

<sup>32</sup> Cf AVRIL, A.C. e DE LA MAISONNEUVE, D., op. cit., p. 32

<sup>33</sup> Notar a insistência na afirmação da fé na ressurreição, visando provavelmente os saduceus, que a rejeitavam (cf Mt 22, 23 e prl; também At 23, 6-8)

<sup>34</sup> Cf PASSETO, E., *Los Minim en la oración Birkhat Ha minim*, in *El Olivo* XVIII, 40 (1994), p. 35-52, explicando o contexto histórico e a evolução do sentido dessa "bênção" de certo modo paradoxal. Cf também MANNNS, F., *Pour lire la Mishnah*, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1984, pp. 83-84

<sup>35</sup> Cf CASPI, N., *Akiba, Récit*, éd. de l'Ophel, Jerusalem, 1981, pp. 92-94. Sobre o próprio AQIBA, cf supra, p. 00

<sup>36</sup> Id., *ibid.*, p. 95. Também podemos lembrar aqui o midraxé sobre o Sl 92,2: "... Adão foi criado na véspera do Sábado, no sexto dia. Tendo pecado e tendo sido julgado, foi expulso na duodécima hora, para ser destruído. Neste momento, porém, chega o Sábado e apresenta-se perante o Santo,

Bendito seja, como advogado de Adão, e diz: 'Durante os seis dias da criação, nenhuma criatura sofreu castigo, e vais começar comigo? É esta a minha santidade? É este o meu repouso?'... E assim, pela intercessão do Sábado, Adão foi salvo da geena. Quando Adão viu o poder do Sábado, quis cantar um hino em sua honra. Mas o Sábado lhe disse: 'Tu queres cantar-me um hino? Não. Cantemos antes, tu e eu, um hino ao Santo, Bendito seja!' É por isso que se diz (Sl 92,2): *É bom louvar o Senhor!*" (Midrash Tehillim sobre o Sl 92,2, pp. 403-404)

<sup>37</sup> Cf AVRIL, A.C. e DE LA MAISONNEUVE, D., op. cit., p. 45

<sup>38</sup> Id., *ibid.*, pp. 45-46

<sup>39</sup> Id., *ibid.*, p. 48

<sup>40</sup> A tradição rabínica distingue o tempo presente, "este mundo" - *'olam hazzeh*, do "mundo futuro" - *'olam habba'*

<sup>41</sup> Cf o rigorismo extremado do c. 31 do livro do Êxodo: *Quem profanar o Sábado será castigado com a morte* (v. 14)... *Todo aquele que trabalhar no dia de Sábado deverá ser morto* (v. 15)... Evidentemente, aí a legislação já está extrapolando da intenção original, muito clara na motivação do Dt 5, 12-15, que liga o *Shabbat* à memória da libertação da opressão no Egito!

<sup>42</sup> Theodor HERTZL, nascido na Hungria em 1860 e falecido na Áustria em 1904, aos 44 anos de idade, esgotado por uma atividade febril em vista da realização do que considerava a missão de sua vida: a restauração do povo judeu na sua terra. É o ideal do *Sionismo*, que de certo modo é a secularização do Messianismo, o povo judeu mesmo tomando a iniciativa de uma mudança radical, sem esperar a vinda do Messias... ou, segundo outros, apressando a sua vinda. Os restos mortais de HERTZL encontram-se no centro do Cemitério Nacional de Israel, em Jerusalém

<sup>43</sup> O *Memorandum* encontra-se no volume *Gerusalem, realtà, sogni e speranze*, a/c di Giovanni BISSOLI, Franciscan Printing Press, Jerusalem, 1996, pp. 9-14. Cf *ibid.* MANNNS, F., *In margine al Memorandum*, pp. 15-18

<sup>44</sup> Esta Carta Pastoral, traduzida em português por Fr. Plácido ROBAERT, encontra-se na Rev. Bíblica Brasileira, RBB, ano 11 (1994), 4, pp. 405-446, precedida de uma apresentação de Frédéric MANNNS, *ibid.*, pp. 403-404

<sup>45</sup> A "Assíria", hoje, seria o Iraque e a Síria atual!

<sup>46</sup> Cf Gn 12,2, a promessa de Deus a Abraão: Farei de ti um grande povo. Eu te abençoarei, engrandecerei teu nome: sé uma bênção!"

<sup>47</sup> Este v. exprime um universalismo tão extremado, que o Targum o anula, parafraseando-o assim: Bendito é o meu povo, que eu fiz sair do Egito e que, pelo fato de terem pecado diante de mim, eu exilei para a Assíria. Contudo, quando se arrependeram, foram chamados 'meu povo e minha herança', Israel (cf BUCHANAN GRAY, G., *The I.C.C., The Book of Isaiah* vol. I, ch. I-XXVII, Edinburgh, 1954, p. 341).

## Endereço do Autor:

Endereço do Autor:  
ITESC - cx postal 5041  
88040-970 Florianópolis SC